

CONTAMINAÇÃO EM PAULÍNIA

Shell e Basf propõem acordo de cerca de R\$ 400 milhões a ex-trabalhadores que sofreram contaminação em Paulínia (SP)



O que diz o acordo?
As multinacionais pagarão uma indenização por danos morais coletivos (R\$ 200 milhões) e por danos morais e materiais individuais (R\$ 170 milhões), além de assistência à saúde vitalícia



Quanto serão os beneficiados?
1.068 pessoas, entre ex-funcionários e seus dependentes



Quanto cada um vai receber?
A reparação individual a todos os beneficiados da ação deve ser de aproximadamente **R\$ 180 mil**



Como funciona a reparação coletiva?
Dos R\$ 200 milhões, R\$ 50 milhões seguirão imediatamente para a construção de uma maternidade em Paulínia, que será doada para a prefeitura. A outra parte vai para estudos sobre as doenças adquiridas pelos trabalhadores da fábrica

Indenização deve chegar a R\$ 180 mil por pessoa exposta a metais pesados

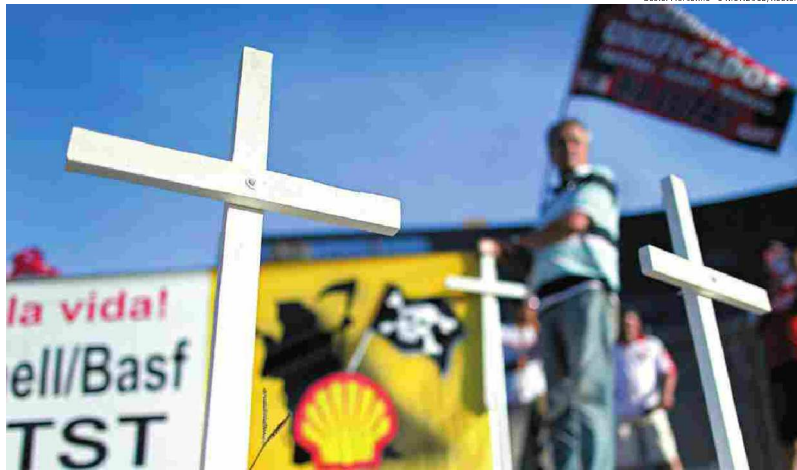
Acordo inclui construção de uma maternidade e pagamento de tratamento de saúde vitalício

Ueslei Marcelino - 14.fev.2013/Reuters

Para a Shell, não há relação entre danos à saúde e contaminação ambiental em fábrica de pesticidas em SP

JULIA BORBA DE BRASÍLIA

As multinacionais Shell do Brasil (atualmente Raizen) e Basf finalizaram ontem acordo de conciliação milionário com ex-trabalhadores de uma fábrica de produtos químicos de Paulínia, no interior paulista (a 117 km de São Paulo). O entendimento beneficia 1.068 pessoas, entre ex-funcionários e familiares, que sofreram contaminação pela exposição a metais pesados usados na produção de pesticidas no local. O problema começou nos anos 1990 (veja quadro nesta página).



Cruzes colocadas por manifestantes em frente ao TST, em Brasília, para lembrar mortes de trabalhadores por contaminação

Trabalhadores e seus advogados de defesa garantem que 62 pessoas já morreram vítimas do contato com as substâncias tóxicas e cancerígenas usadas na fábrica.

Para a Shell, foram cinco mortes e “não há evidência que ligue a contaminação ambiental às fatalidades”.

O valor global do acordo, mediado pelo TST (Tribunal Superior do Trabalho), chegou a R\$ 370 milhões.

O número não inclui gastos que as empresas terão para arcar com o tratamento médico vitalício dos trabalhadores e seus dependentes.

A estimativa do TST é que, com essas despesas, o desembolso das multinacionais chegue a R\$ 500 milhões.

“É ainda muito pouco para compensar a mudança existencial que atinge essas pessoas por causa da contaminação ambiental e danos à saúde, mas no nosso país já pode ser considerado um avanço”, disse o advogado das vítimas, Mauro Menezes.

O acordo terá de ser aprovado pela direção das empresas e dos trabalhadores em assembleia. Caso seja aprovado, as partes voltam ao tribunal na segunda-feira para assinar o compromisso.

O processo tramita desde 2007 na Justiça brasileira. Além dele, há cerca de 70 ou-

tras ações semelhantes correndo em instâncias inferiores. Em todos esses casos, se a vítima desejar, será possível aderir ao acordo coletivo.

MATERNIDADE

O acordo prevê que as empresas terão de desembolsar R\$ 50 milhões para construir uma maternidade na cidade.

Outros R\$ 150 milhões serão doados pelas multinacionais para investimento no estudo das doenças sofridas pelas trabalhadoras. O valor será dividido entre o Cerest (Centro de Referência em Saúde do Trabalhador) de Campinas e a Fundacentro, do Ministério do Trabalho.

Além dessas indenizações coletivas, há uma indenização individual por danos morais e materiais, fixada em R\$ 170 milhões. Esse valor representará um pagamento aproximado de R\$ 180 mil por pessoa — o valor a ser pago vai variar de acordo com critérios como tempo de trabalho.

Para o ministro que conduziu o caso no TST, João Oreste Dalazen, o acordo resolve um processo que teria a se arrastar “por uma geração”. “Espera-se que todos concordem”, disse.

Shell diz que não há evidências de danos às pessoas

DE BRASÍLIA

A Shell informou que não há evidências de que danos à saúde e as mortes tenham sido resultado da exposição a metais pesados na fábrica de Paulínia. Em nota, disse que, “baseada em amplos estudos”, entende “que a ocorrência de contaminação ambiental não implicou necessariamente em exposição à saúde de pessoas”.

Ainda assim, afirma que o acordo é “excelente oportunidade” para encerrar a disputa judicial. “Independente das questões (...), a Shell segue comprometida em pôr fim de maneira amigável a este longo e complexo litígio.”

Também em nota, a Basf afirma estar disponível para negociar a solução do caso e que tem compromisso com a transparência.

Ex-funcionários estão ansiosos e otimistas com desfecho do caso

DE CAMPINAS

Os ex-funcionários da Shell que ainda moram em Paulínia se dizem ansiosos e otimistas com o acordo.

“Precisamos ver certo como vai ficar para cada um”, disse o ex-funcionário Luiz Carlos Mori, que faz acompanhamento médico para saber se o mercúrio que tem no corpo lhe causa alguma doença.

“O principal era garantir atendimento médico. A preocupação que as pessoas têm com a saúde é tremenda”, diz Mauro Bandeira, diretor da

Associação dos Trabalhadores Expostos a Substâncias Químicas e ex-funcionário.

Ciomara Rodrigues, 66, que não é beneficiada pelo acordo, morava em uma chácara ao lado da fábrica — exames atestaram que tem substâncias cancerígenas. Abriu processo na Justiça. Até hoje, não recebeu auxílio médico.

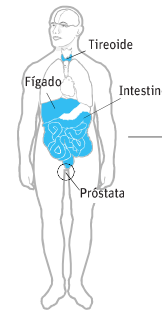
“Se a empresa admitiu cuidar da saúde de um, tem que cuidar de todos”, diz. Ela recusou valor oferecido pelas empresas pela chácara e vive em hotel pago pela Shell até o fim da ação. (MARLÍA ROCHA)

ONDE FICA



O que foi encontrado

Contaminação por produtos denominados aldrin, endrin e dieldrin, compostos por substâncias cancerígenas



Consequências

Relatório do Ministério da Saúde indica que produtos podem causar cânceres de próstata e tireoide e doenças de fígado e intestino

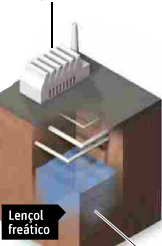
Mortes

Relatos dos trabalhadores apontam para 62 mortes em decorrência da contaminação. Na grande maioria dos casos, o diagnóstico foi de câncer

Entenda o caso

Década de 70

Shell instala uma indústria química em Paulínia



1992

Ao vender seus ativos para a multinacional Cyanamid, a empresa identifica a contaminação do solo e dos lençóis freáticos e passa a fornecer água potável para os moradores da região

2000

A Cyanamid é adquirida pela Basf, que continua expondo os trabalhadores a riscos

2002

Governo interdita o local

2007

Ministério Público do Trabalho entra com ação para garantir tratamento e indenização aos ex-trabalhadores

2011

Por determinação da Justiça, trabalhadores recebem atendimento médico

MORTES

ANTONIO PEREIRA VENANCIO - Aos 90, viúvo de Maria do Carmo Venancio. Deixa cinco filhos. Parque dos

Ipês Cemitério e Crematório.

Jean Pierre Brulhart. Deixa à filha Danielle e netos. Crematório Horto da Paz.

CUCA BRULHART - Aos 88, viúva de

GIELA GIL - Aos 87, viúva de Szloma Gil. Deixa irmã e netos. Cemitério Israelita do Butantã.

7º DIA FRANCISCO TACITO - Hoje, às 19h, na paróquia S. Rafael, Igo. S. Rafael, S/Nº, Mooca.

HENRICUS FRANCISCUS PETRUS MARIA VAN HEESWIJK (HARRY) - Amanhã, às 18h, na paróquia N. Sra. Mãe da Igreja, al. Franca, 889, Jd. Paulista.

JUDITE OLIVEIRA DA SILVA - Amanhã, às 19h30, na paróquia S. José, r. Hugo Vitor da Silva, 37, Jabaquara.

LEONILDA CARDOSO PARRA (NILDA) - Hoje, às 18h, na Igreja N. Sra. da Esperança, av. dos Eucliptos, 556, Moema.

MARINA COUTINHO FAY - Amanhã, às 18h, no Santuário Sta. Cruz da Reconciliação, r. Valdomiro Fleury, 180, Butantã.

NELSON PRESTES - Amanhã, às 19h30, na paróquia S. Pedro S. Paulo, r. Circular do Bosque, 31, Morumbi.

NELSON PRESTES (1950-2013)

Nelson, da confecção de roupas às construções

ESTÉVÃO BERTONI DE SÃO PAULO

Na palavra Amanine, Nelson Prestes respondia pela sílaba “ne”. O nome da confecção, onde ele trabalhava por bastante tempo, surgiu da junção das letras iniciais dos nomes de cada um da família.

Sendo assim, o “A” vinha de Aadelardo (seu pai), o “ma”, de Maria (sua mãe), e o “ni”, de Nilza, sua irmã que morreu devido a um lúpus quan-

do Nelson tinha só 20 anos. Paulistano, trabalhou com os pais na fabricação de uniformes até que o negócio da família foi vendido. Ai, foi se dedicar à construção civil.

Construía e vendia casas ou reformava imóveis para negociá-los, principalmente na região do Morumbi, na zona oeste de São Paulo, como conta a filha Paula, médica.

Ela lembra que o pai tinha cara de bravo, “mas não era”. Nelson, como o chamavam

por causa de seu 1,93 m, é descrito como carinhoso. Adorava ir para a casa que tinha em Ibiúna (SP) e viajar — sempre recordava-se da viagem que fez com a mulher para a Grécia.

Casado com Dilce, com quem teve três filhos. Seu orgulho era vê-los estudando. Foi Paula, que se formou em medicina no ano passado e que faz residência no HC, quem lhe informou, no

fim de 2011, sobre seu diagnóstico: um câncer no pulmão. Fumava muito até então. Ela o acompanhou em 95% das consultas e escolheu seu médico. Até novembro do ano passado, Nelson esteve ativo, mas a saúde começou a piorar a partir de dezembro.

Morreu na quinta (28), aos 62, devido à doença. A missa do sétimo dia será amanhã, às 19h30, na paróquia São Pedro São Paulo, na capital. coluna.ohbituario@uol.com.br

SERVICO

VOCÊ DEVE PROCURAR O SERVIÇO FUNERÁRIO MUNICIPAL DE SP: tel. 0/xx/11/3247-7000 e 0800-10-9850 fax 0/xx/11/3242-1203

Serão solicitados os seguintes documentos do falecido: Cédula de Identidade (RG); Certidão de Nascimento (em caso de menores); Certidão de Casamento.

ANÚNCIO PAGO NA FOLHA: tel. 0/xx/11/3224-4000

segunda à quinta, das 8h às 20h, sexta das 8h às 21h, sábados e domingos, das 9h às 17h.

AVISO GRATUITO NA SEÇÃO: tel.: 0/xx/11/3224-3505 ou 0/xx/11/3224-3305

e-mail: necrologia@uol.com.br até as 15h, ou até as 19h da sexta-feira para publicação aos domingos. Se utilizar o e-mail, coloque um número de telefone para a chegada das informações. Aos domingos, ligue para 0/xx/11/3224-3602, das 15h às 18h.